

ISRG Journal of Arts, Humanities and Social Sciences (ISRGJAHSS)



ISRG PUBLISHERS

Abbreviated Key Title: ISRG J Arts Humanit Soc Sci

ISSN: 2583-7672 (Online)

Journal homepage: <https://isrgpublishers.com/isrgjahss>

Volume – IV Issue - III (May-June) 2026

Frequency: Bimonthly



UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA SOBRE O CONCEITO DE LULIK NA TRADIÇÃO ANIMISTA DE TIMOR-LESTE

Nicolau Borromeu^{1*}, David Martins², Natalino da Costa Soares³, Martinho Borromeu⁴

¹ Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Coordenador do grupo de investigação em Wittgenstein (FFCH/UNTL). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Brasil. Centro de Estudos de Migração e Relações Interculturais da Universidade Aberta de Lisboa. Investigador Instituto de Estudos de Literatura e Tradições (IELT/FCHS-UNTL).

² Licenciado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia e Teologia Dom Jaime Goulart, Fatumeta, Díli, Timor-Leste

³ Mestrando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica Paraná (PUCPR) Brasil.

⁴ Docente e Investigador na Universidade Nacional Timor Lorosa'e

| **Received:** 09.04.2026 | **Accepted:** 15.04.2026 | **Published:** 04.05.2026

***Corresponding author:** EVAN FRED B. BATTUNG

Abstract

O objetivo deste artigo é refletir sobre a ideia de lulik na crença animista no contexto timorense. O termo lulik pode ser compreendido como equivalente ao conceito de "sagrado" em português. Trata-se de um conceito abstrato que se manifesta de diversas formas, variando conforme o espaço e o tempo. Neste estudo, propõe-se uma reflexão a partir de uma perspectiva filosófica, iniciando com os mitos gregos, passando pelos pensadores naturalistas e culminando no filósofo Nietzsche.

Essas abordagens permitem compreender como diferentes concepções sobre os deuses, o cosmos, o sagrado e a transcendência contribuem para a construção do pensamento religioso. No contexto de Timor-Leste, tais ideias dialogam com o animismo, especialmente no que se refere aos conceitos de lulik, uma lulik e aos objetos considerados sagrados.

Esses elementos desempenham um papel fundamental na formação da consciência coletiva do povo timorense, influenciando a crença de que tudo aquilo que é lulik possui uma dimensão espiritual ou uma alma, semelhante à dos seres humanos. Dessa forma, o lulik não apenas expressa uma relação com o sagrado, mas também estrutura práticas culturais, sociais e espirituais profundamente enraizadas na tradição timorense.

Keywords: deuses; animismo; transcendência; lulik; uma lulik.

1. HISTÓRICO

Timor-Leste era uma ilha pequena onde Portugal colonizou durante 460 anos e em seguida, a Indonésia invadiu e permaneceu durante 24 anos. Mas, através de uma luta coletiva e de modo sangrenta, no dia 30 de agosto de 1999 os timorenses concretizaram a sua libertação e a sua independência. Com a elevação da sua identidade, afirmamos que desde a antiguidade até hoje, Timor-Leste é considerado como um país rico em diversas partes: da cultura, da crença, da língua, da riqueza entre outras.

Entretanto, este trabalho visa refletir sobre a ideia de *lulik* na crença animismo no contexto timorense, concentrando-se no *lulik* onde em português é denominado ‘sagrado’ como conceito abstrato que se manifesta de diferentes formas em cada espaço e tempo. Aqui iremos refletir a partir de uma perspectiva filosófica, começando dos mitos gregos aos naturalistas até ao filósofo Nietzsche, onde apontam: nos deuses, no cosmos, no sagrado, na transcendência e no animismo –aliado aos conceitos de *lulik*, *uma lulik* e *objetos sagrados* de Timor-Leste–que influenciaram a consciência coletiva do povo de Timor a crer que, tudo o que é *Lulik* tem alma como a gente.

O presente trabalho se divide em seis partes: a primeira enfatiza os mitos gregos sobre o nascimento dos deuses; a segunda menciona sobre as perspectivas dos filósofos naturalistas acerca da questão de *arche*; a terceira, se direciona na divisão do universo/cosmos pelos filósofos; a quarta, enfatiza o sagrado e o animismo no contexto filosófico; a quinta, trata sobre o sagrado no animismo de Timor-Leste; a sexta se posiciona sobre a casa sagrada e objetos sagrados de Timor-Leste.

1.1 MITO DO NASCIMENTO DOS DEUSES

O mito foi um estilo antigo do homem que relata uma lenda ou um conto de maneira oral numa sociedade. Conforme Abbagnano “na antiguidade clássica, o mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. A ele era atribuída, no máximo, verossimilhança, enquanto a verdade pertencia aos produtos genuínos do intelecto” (Abbagnano, 2007, p. 673). Mesmo assim, na religião primitiva dos gregos, o mito possui caráter sagrado, pois é relacionado com os mistérios, ou seja, com os deuses.

A mitologia grega relata a existência e o nascimento dos deuses que antigamente existiam, primeiramente três deuses: *Urano* como deus dos céus; *Reia* como deusa da terra; e os dois que geraram o deus *Cronos* denominando como deus dos tempos. Em seguida, *Cronos* casou com *Réia* gerando o deus *Zeus*, designado como deus do sol. Enfim, *Zeus* foi o rei dos deuses no monte Olimpo na Tessália. Na linhagem dos *Zeus*, estes possuem 11 irmãos: *Hera* como rainha dos deuses possuindo força de guardiã e protetora; *Poseidon* como deus do mar; *Atena* como deusa da sabedoria; *Ares* como deus do ódio, do problema e da guerra; *Deméter* como deus da agricultura e da estação; *Apolo* como deus da luz e do dia; *Ártemis* como deus da caça; *Hefesto* como deus do fogo e da vulcão; *Afrodite* como deus do amor, do desejo, da paixão, da fertilidade, da fecundidade e da beleza; *Hermes* como mensageiro dos deuses, da viagem e da comunicação; *Dioniso* como deus do vinho, da festa e do prazer (Nólibos. 2016).

Assim, afirma Bulfinch de que,

A morada dos deuses era o cume do Monte Olimpo, na Tessália. Uma porta de nuvem, da qual tomavam conta as deusas chamadas Estações, abria-se a fim de permitir a passagem dos imortais para a Terra e para dar-lhes

entrada, em seu regresso. Os deuses tinham moradas distintas. Todos, porém, quando convocados, compareceram ao palácio de Júpiter, do mesmo modo que faziam às divindades cuja morada habitual ficava na Terra, nas águas, ou embaixo do mundo. Era também no grande salão do palácio do rei do Olimpo que os deuses se regalavam, todos os dias, com ambrosia e néctar, seu alimento e bebida, sendo o néctar servido pela linda deusa Hebe. Ali discutiam os assuntos relativos ao céu e à terra. Enquanto saboreavam o néctar, Apolo, deus da música, deliciava-se com os sons de sua lira e as musas cantavam. Quando o sol se punha, os deuses retiravam-se para as suas respectivas moradas, a fim de dormir. Júpiter ou Jove (Zeus), embora chamado pai dos deuses e dos homens, teve um começo. Seu pai foi Saturno (Cronos) e sua mãe Réia (Ops). Saturno e Réia pertenciam à raça dos Titãs, filhos da Terra e do Céu, que surgiram do Caos (Bulfinch, 2002, p. 9-10).

Há também outra cosmogonia que relata sobre o assunto da criação em relação ao amor. Portanto, acrescenta mais Bulfinch que “havia outra cosmogonia, ou versão sobre a criação, de acordo com a qual a Terra, o Érebo e o Amor foram os primeiros seres. O Amor (Eros) nasceu do ovo da Noite, que flutuava no Caos. Com suas setas e sua tocha, atingia e animava todas as coisas, espalhando a vida e a alegria” (Bulfinch, 2002, p. 11).

No contexto da filosofia, contudo na Grécia antiga, os historiadores afirmaram que antes do nascimento da filosofia o mito era uma fonte onde os filósofos e os poetas usavam para afiar e exprimir as suas ideias. Pois, na cultura do oriente e do ocidente a fonte onde a sabedoria provém foram os mitos teológicos e cosmogônicos. Assim, as fontes específicas das quais derivou a filosofia foram a religião pública e privada inspirada pelo Homero e Hesíodo. Porque, a religião pública considera os deuses como forças naturais ampliadas na dimensão do divino, ou como aspectos característicos do homem sublimados. A religião órfica considera o homem de modo dualista: como alma imortal, concebida como demônio, que por uma culpa originária foi condenada a viver em um corpo, entendido como tumba e prisão (Reale-Antiseri, 2003, p. 4-6).

Os poetas Homero e Hesíodo foram influenciadores na Grécia antiga, pois na *Ilíada* o homem conhece o senso da harmonia, da proporção, do limite e da medida, enquanto da *Teogonia* o homem conhece o nascimento dos deuses. Assim, “para Homero e para Hesíodo, que constituem o ponto de referência das crenças próprias da religião pública, pode-se dizer que tudo é divino, pois tudo o que acontece é explicado em função de intervenções dos deuses” (Reale-Antiseri, 2003, p. 8).

Enfim, afirma Brandão que “os mitos são, por isso, os depositários de símbolos tradicionais no funcionamento do *Self Cultural*, cujo principal produto é a formação e a manutenção da identidade de um povo” (Brandão, 1986, p. 10). Por meio dessas fontes, surgiram os primeiros filósofos na Grécia antiga, começando por Tales de Mileto a questionar sobre a origem de todas as coisas. Estes filósofos foram chamados de naturalistas.

1.2. OS NATURALISTAS

Influenciados pelos mitos, o homem foi impaciente ao saber sobre o princípio primeiro (*arche*) do qual tudo se gerou. Entretanto, os filósofos pré-Socráticos lançaram uma crença de que todas as coisas provêm de um princípio, não de deuses como relatam os mitólogos nem de *creatio ex nihilo* como relata a Bíblia cristã.

Assim, Tales de Mileto afirma que a *árvore* de todas as coisas foi a *água*; para Anaximandro foi o *apeiron*; para Anaxímenes foi o *ar*; para Demócrito foi o *átomo* eles foram denominados monistas. Enquanto para os pluralistas, de acordo com Anaxágoras o *arche* foi as *homeomerias*; de Xenófanes a *arché* foram a *terra* e a *água*; para Empédocles a *arché* foram quatro raízes: a *água*, o *ar*, a *terra* e o *fogo* (Reale-Antiseri, 2003, p. 48).

Na concepção de Empédocles há duas forças cujo poder é de unir e separar, sendo o amor e o ódio, se o amor prevalecesse então as quatro raízes se reunirão orientando-se a geração e a harmonia, enquanto o ódio se prevalecesse então as quatro raízes se separariam orientando-se a destruição e ao desordem (Reale-Antiseri, 2003, p. 41).

Entretanto, para os naturalistas os *arquivos* foram considerados sagrados, pois por via destes *arquivos* que provém todas as coisas. Por isso, os filósofos naturalistas elevam e dignificam a natureza. Porque “na Mitologia Grega, uma fonte inesgotável de símbolos de convivência junto com as forças da natureza” (Brandão, 1986, p. 11). Neste sentido, os mitos influenciaram a psicologia dos homens na sociedade de viver nos caminhos simbólicos para a formação da consciência coletiva de que a natureza possui a sua própria força, assim ela é sagrada.

Na Grécia antiga desde o princípio a natureza foi considerada sagrada, pois ela é o princípio do movimento ou substância; a ordem necessária ou conexão causal; a exterioridade, contraposta à interioridade da consciência; o campo de encontro ou de unificação de certas técnicas de investigação. Deste contexto surgiu o conceito naturalismo onde aponta na qual os poderes naturais da razão são mais eficazes que os produzidos ou promovidos pela filosofia no homem; na qual nada existe fora da natureza e Deus é apenas o princípio de movimento; na negação de qualquer distinção entre natureza e sobrenatureza e tese de que o homem pode e deve ser compreendido, em todas as suas manifestações, mesmo nas consideradas Superiores das coisas naturais (Abbagnano, 2006, p. 698-699).

Nos tempos modernos Baruch Spinoza (1986) aponta no *deus natural*. Por outro lado, os filósofos ateus sempre apontam na natureza, valorizando-a de maneira artística, de que o ser humano sobrevive da natureza não de Deus, nem dos deuses. Nietzsche apresenta nas suas obras uma figura onde familiariza com a natureza, ele é Zarathustra. Zarathustra foi um profeta de Nietzsche que vive no mato, sobrevivendo da natureza e voltando ao homem afirmando que Deus está morto. Assim, o homem deve ser super-homem. Aliás, o homem deve ser deus a si mesmo (Nietzsche, 2017).

1.3. O COSMOS

Nos tempos posteriores, os filósofos pós-Socráticos apostaram no cosmos. Platão, portanto, dividiu o cosmos em dois mundos e quatro realidades. Isto é o mundo sensível e inteligível, que contém quatro realidades: Uno-Bem, Ideia, Física e a Sombra (Martins, 2022, p. 6). Assim, para Platão o que real é o que pertence ao mundo inteligível, não ao mundo sensível, pois o real é uma cópia da Ideia. Platão lançou uma crença transcendental e metafísica de que a verdade está no além das coisas. Portanto, todas as coisas provém do *Uno-Bem*, não dá *arche*, alegorizando no mito de caverna (Platão, 2000, liv. VI, 508b-511c; liv. VII, 514a- 534).

Na esteira filosófica de Platão, Platão acentuou na criação de maneira filosófica. Na obra de *Timeu* 31a-c, argumenta que o

cosmos foi criado por um deus chamado *Demiurgo*. O *Demiurgo* contempla a *Ideia* no *Uno Bem*, plasmando a realidade segundo essa ideia e pondo-a no *Chora*. Em seguida, o seu discípulo Aristóteles destacando o *Demiurgo* no contexto de movimento afirmando que o princípio era o *Motor Imóvel*, sendo ele que move a si mesmo e move todas as coisas, pois,

O princípio, isto é, o primeiro entre os entes, é não-suscetível de movimento, em si mesmo e por concomitância, e promove o movimento primeiro e eterno, que é único. Dado que, necessariamente, aquilo que é movido, é movido por algo; dado que o primeiro motor é, em si mesmo, não-suscetível de movimento; dado que o movimento eterno é promovido por algo eterno, e um movimento único, por algo único; dado que, além da locomoção simples do Todo, a qual dizemos que a primeira essência não-suscetível de movimento promove, vemos que há outras locomoções eternas, a dos planetas (de fato, o corpo que se move em círculo é eterno e sem-reposou; provou-se isso nas discussões sobre a natureza), necessariamente, também cada uma dessas locomoções é movida por uma essência eterna que, em si mesma, é não-suscetível de movimento (Aristóteles, 1969, 1073a 23).

Entretanto, seguindo Platão, Plotino aponta no conceito de processo não de emanção, afirmando que todas as coisas provém da processão de *Uno-Bem*. *Uno-Bem* foi uma realidade suprema, ou seja, uma realidade transcendental, onde o homem não foi capaz de descobrir e explicar tudo, pois ele é causador de si mesmo e de todas as coisas. Ele é Super-Bem, Super-Ser, Super-Vida e Super-Pensamento (Enéada, 2021, I, 1-10).

Na época medieval Santo Agostinho aponta na cidade de Deus e na cidade Terrena, afirmando que a cidade de Deus é maior que a cidade Terrena, pois todas as coisas foram criadas pelo governador da cidade de Deus que está no céu, ou seja, no firmamento. Assim, afirma Pereira que “a possível Cidade de Deus é o mesmo cosmos em sua plenitude, isto é, em seu bem realizável, realizado” (Pereira, 2019, p. 3). Neste contexto, Agostinho quer orientar o homem a procurar um ser supremo onde cria todas as coisas, confessando que “o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (Agostinho, 1996, liv. I, 1).

Nestes sentidos os filósofos trataram o cosmos de maneira transcendental e metafísica, acentuando que há uma realidade, ou seja, um ser eterno, infinito, transcendente, onipotente e criador, ele está no além da física, ou seja, ele está no céu, logo ele é sagrado. Porque possui uma força sobrenatural onde todas as coisas se provam. Assim, o dono do cosmos é uno, ele é eterno, sagrado e onipotente, exigindo de que o homem deve reconhecê-Lo, respeitá-Lo, adorá-Lo e amá-Lo. Nesta linha sabemos a passagem dos deuses (plural) ao Deus (uno).

1.4. O SAGRADO E O ANIMISMO

O sagrado e o animismo são duas coisas inseparáveis. O sagrado é o mesmo que numinoso que contém quatro elementos: *tremendum*, *majestoso*, *enérgico* e *mysterion*. Assim, Otto foi o primeiro a cunhar o termo numinoso para exprimir um conceito religioso e filosófico. O conceito de numinoso ou sagrado, com seus termos correlatos, misterioso, tremendo, majestoso, ou totalmente outro, denota o fenômeno da experiência religiosa, a base de toda religião. Otto aponta que detectar e reconhecer algo como sendo sagrado é, em primeiro lugar, uma avaliação peculiar que, nesta

forma, ocorre somente no campo religioso (Otto, 2007, p. 37).

Entretanto, Eliade distingue sobre o sagrado e o profano, afirmando que “o homem religioso vive assim em duas espécies de Tempo, das quais a mais importante, o Tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um Tempo circular, reversível e recuperável, espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos (Eliade, 1992, p. 39). Em relação com isso, Otto afirma mais que,

Como ele (o numen) é irracional, ou seja, não pode ser explicitado em conceitos, somente poderá ser indicado pela reação especial de sentimento desencadeado na psique: ‘Sua natureza é do tipo que arrebatava e move uma psique humana com tal e tal sentimento.’ Esse sentimento específico precisamos tentar sugerir pela descrição de nos sentirmos afins correspondentes ou contrastantes, bem como mediante expressões simbólicas.” (Otto, 2007, p. 44).

No entanto, Abbagnano esclarece de maneira compreensível que,

O sagrado é objeto religioso em geral, ou seja, tudo o que é objeto de garantia sobrenatural ou que diz respeito a ela. Como essa garantia às vezes pode ser negativa ou proibitiva, o sagrado tem caráter duplo, de santo e sacrílego: Sagrado porque prescrito e exaltado pela garantia divina, ou porque proibido ou condenado pela mesma garantia. R. Otto chamou estes dois aspectos, respectivamente, de fascinantes e tremendo. Heidegger, interpretando uma poesia de Hölderlin que identifica a natureza com o sagrado, considerou o sagrado como raiz do destino dos homens e dos deuses: O sagrado decide inicialmente, acerca dos homens e dos deuses, quem serão, como serão e quando serão. Heidegger afirma também que: o sagrado não é sagrado porque divino, mas o divino é divino porque sagrado (Abbagnano, 2007, pp. 866-867).

Animismo foi o termo usado por Tylor para indicar a crença difundida entre os povos primitivos de que as coisas naturais são todas animadas; daí a tendência a explicar os acontecimentos pela ação de forças ou princípios animados. No animismo, assim entendido Tylor vê a forma primitiva da metafísica e da religião. Essa doutrina partia do pressuposto de que a primeira e fundamental preocupação do homem primitivo era explicar, de algum modo, os fatos que o circundam (Taylor, 1871, pp. 428-429). Por outro lado, Abbagnano relata que,

A observação sociológica, porém, demonstrou que isso não é verdade e que o primitivo se interessava antes de mais nada pela caça, pela pesca, pelos eventos e pelas festividades da tribo, e que esses interesses não estão vinculados ao animismo mas à magia. A doutrina segundo a qual foi do comportamento mágico que nasceu a religião e é em torno dele que gira a cultura primitiva foi chamada pré-animismo (Abbagnano, 2007, p. 61).

Portanto, o sagrado refere-se às forças, ou seja, aos princípios animados, onde uma sociedade aponta nas coisas sagradas enraizadas nas experiências conviventes para pôr a confiança numa força sobrenatural a fim de tornar uma crença onde influência e consciência coletiva onde a natureza é sagrada. O sagrado provém de um costume ou de uma cultura da sociedade.

1.5. O SAGRADO NO ANIMISMO DE TIMOR-LESTE

De modo primitivo, Timor-Leste é uma ilha onde possui a sua beleza natural, pois Timor-Leste era “Uma verdadeira antecâmara do inferno (...) Timor é essencialmente, uma terra sem problemas (...) é uma terra de deslumbrante beleza natural; uma terra que a civilização do aço e da Coca-Cola ainda não estragou; uma terra que os portugueses não conquistaram nem descobriram (...) uma terra em que se labuta e vive em paz” (Thomas, 2008, pp. 31-32). No entanto, a ilha de Timor possui a sua riqueza natural, bela e harmoniosa (Soares 2003, p. 10).

O conceito de beleza natural e harmoniosa, neste contexto, aponta na relação entre os homens, entre o homem com a natureza, entre os vivos com os mortos e entre o homem com o espírito sobrenatural a fim de fundar uma crença chamada animismo como já definido acima. Na crença de animismo Timor-Leste, o povo Timorense manifestou o seu ato de crença, de respeito e de adoração aos entes sagrados onde provém das três partes deste universo: do céu, da terra e do subterrâneo. Assim, Festivo esclarece que “a existência de três entidades fundamentais na cosmologia timorense: ser divino supremo (*Maromak*), os espíritos da natureza e os espíritos dos antepassados, muitas vezes constituído por um par deus-deusa, os espíritos da natureza e os espíritos dos antepassados (Restivo, 2015, p. 33).

A beleza natural como menciona acima, tem relação com língua. Neste conteúdo, Borromeu (2025) disse:

“.....This relationship between thought and language and the impossibility of private language, the theme of the self and consciousness, the problem of intentional States and their analogy with grammar, realities such as reasons, motives and justifications, the relationship on meaning and understanding of mental states, all these segments related to the human species were resumed from the perspective of phenomenology, as well as expectation, belief and hope with respect to grammar, investigating the fact of wanting to do and what it means to say in everyday life...”

Na “relação humana timorense com todas as partes existentes no universo numa união tridimensional: Mundo visível, mundo dos espíritos e espaço celestial, e concluiu que a natureza para timorenses é o centro da ligação entre o mundo dos vivos, mundo dos espíritos dos antepassados e o mundo da divindade” (Araújo *Apud* Paulino *et al*, pp. 61-62). Em fim, Silva resumiu que “para os timorenses, existem três entidades sagradas ou *Lulik* são: Natureza, Antepassados e Ser Supremo. E essas três entidades, são respeitadas e veneradas nos rituais sagrados onde acontecem em lugares sagrados como *Uma Lulik*, centro e a principal referência” (Silva, 2017, p. 392).

Neste contexto, descobrimos que o sagrado na esteira filosófica é diferente do sagrado da religião tradicional timorense. Porque na perspectiva filosófica, os homens filosofaram e reconheceram apenas sobre a relação entre o homem com a natureza (naturalistas) e reconhecendo ainda a relação com os deuses (de Homero e Hesíodo até Nietzsche), excluindo a questão de espírito antepassados. Enquanto na religião tradicional de Timor-Leste aponta-se nas três relações, afirmando que embora os homens tenham a relação com a natureza e com os deuses, os homens também tem a relação intimamente com os seus antepassados, aliás os mortos. Assim, neste sentido o cosmos se divide em três partes diferenciadas pelo cosmos de Platão entre outros.

Para os timorenses, o sagrado é designado por *Lulik* (Silva, 2017, p. 389). Pois, “para os timorenses tudo o que é *Lulik* tem alma como a gente” (Cinatti, 1987, p.34). Trindade, por isso, define que,

A palavra *Lulik* tem origem no tétum e pode ser literalmente traduzida como “proibido”, “santo” e “sagrado”. O conceito de *Lulik* existe em todas as línguas de Timor-Leste em diferentes termos. Por exemplo, “*po*” em Bunak, “*luli*” em Naueti, “*tei*” em Fataluku, e “*phalun*” em Makasae. O *Lulik* refere-se ao cosmos espiritual que contém a criatura divina, o espírito dos ancestrais e a raiz espiritual da vida, incluindo as regras e os regulamentos sagrados que dita as relações entre as pessoas e entre as pessoas e a natureza (Trindade *apud* Paulino *et al*, 2016, p. 28).

Na verdade que antes da entrada dos comerciantes estrangeiros e colonizadores portugueses em Timor, os Timorenses viveram numa fé animismo, considerando que a natureza tem força mágica que pode dar a vida, a sorte, a riqueza, a fertilidade, e pode também dar a morte e a doença, etc. Como por exemplo, o gondoleiro, a montanha, o crocodilo, a pedra sagrada, a árvore sagrada, surik, o espírito antepassados, entre outros. Além disso, a maioria do povo timorense crê que os seus avôs e avós provêm dos animais. Alguns afirmam que os seus avós provêm do gato, alguns de peixe, da raposa, do porco, do galo, etc. Assim, não é permitido comer esses animais, pois são considerados como os seus avôs. O mito mais geral dos timorenses é o avô *lafaek* (crocodilo). Em Timor, o crocodilo é geralmente considerado como avô dos timorenses, porque segundo o mito, relata que Timor-Leste provém do crocodilo.

Por conta disso, Fernandes acrescenta que supersticioso e crente por natureza, o Timorense conta também no seu repertório musical cantos de caráter religioso para rogar a proteção dos entes superiores ou *Lulik*, seres sagrados e intocáveis com poderes superhumanos. No campo religioso, pode-se afirmar que é difícil encontrar um timorense que seja um incrédulo ou ateu. Todo timorense admite a existência de um Ser superior, *Maromak* (Fernandes, 2011, p. 39). Assim, nos tempos do ritual tradicional os *lia-nain*¹. Oram aos entes sagrados sempre com uma fórmula da oração que diz “você que transmitem esta nossa oração àqueles que não conhecemos”.

1.6. CASA SAGRADA E OBJETOS SAGRADOS DE TIMOR-LESTE

Em consideração deste *lulik sira* (os sagrados), os Timorenses possuíam um centro designado *Uma Lulik*, onde se liga com *Lia-nain*, *Maker-lulik*, *Uma Lisan*, *Ai-todos*, *Matebian*, *Barlaque*, *Maromak*, etc². Assim, afirma Carmo de que,

Uma Lulik ou em português foi traduzida para casa (*uma*) sagrada (*lulik*). Não somente um espaço físico sagrado para atividade ritual da família, mas também em sua existência como símbolo da unidade cultural e social-política. *Uma Lulik* é simbolicamente como templo no seu uso e âmbito religioso, porque reúne família e membros da família da mesma linha de parentesco, reúne também pessoas de outras linhagens da família (Carmo, 2010, p. 384).

Portanto, na religião tradicional Timorense, *Uma Luik* encarna a presença das divindades e os antepassados, simbolizando a continuidade entre passado, presente e futuro. Além disso, “*Uma*

Lulik é o ‘templo’ dos objetos *Lulik* ou tabus da povoação, o seu Palácio. Cada família tem o seu *Uma Lulik* doméstico ou familiar, em que os objetos *Lulik* são guardados, se fazem oferendas de alimentos por ocasião das sementeiras e da colheita, e quando em casa há óbitos ou nascimentos” (Castro *apud* Silva, 2017, p. 26).

Neste sentido, Borromeu (2025) fala: “.....*still be lost in history, since even today they are passed down from mother to daughter without any official record, which would be a disservice to the country's culture,Just like all the arts in Timor-Leste, music contains aboriginal elements and also influences from various musical cultures, such as traces of Portuguese colonization*”.

Por isso, Januário de Correia (2013, p. 13) argumenta que, “De facto, nas religiões primitivas (totemismo), alguns objetos, como plantas e animais, eram divinizados, portanto, a religião era um símbolo de representação coletiva na sua forma ideal”. Cinatti também argumenta que na crença animismo de Timor, os Timorenses crêem que “tudo tem alma, as forma emergente, vertical, de origem vegetal normalmente, em geral situado nas proximidades de uma *lulik*; *Matebian* – tradução literal seria: Alma dos mortos. Uma das entidades respeitadas da família timorense; *Barlaque* – um conceito específico dentro do processo de casamento cultural (ritual e material – animais, dinheiro e outros objetos). Intercâmbio de bens entre família de noiva e do noivo; *Maromak* – antes de tudo é uma denominação própria para ser Supremo ou Ente Supremo.

pedras, às almas, as árvores, os grandões frondosos, as montanhas elevadas que são habitadas pelas almas dos mortos (*matebian*), as ribeiras tumultuosas, as florestas primárias, impenetráveis e sempre verdes” (Cinatti, 1987, p. 36).

Na verdade na *Uma Lulik* os Timorenses guardavam os objetos sagrados e adoravam-os, pois “também as apresentações de pedras, árvores, ribeiras, florestas que acreditam, trazem a força dos espíritos, porque tudo o que é *Lulik* tem alma como a gente” (Cinatti, 1987 p. 40). No entanto, Carmo resumiu que,

A casa sagrada tem a principal função que é o lugar do culto tradicional da família. Além disso, várias funções importantes também, como lugar onde a família guarda objetos sagrados; lugar da reunião da família nas festas tradicionais (colheita de arroz e milho, nascimento, casamento e morte); lugar de resolver problemas da família se houver conflito; lugar onde transmite as normas de conduta moral da família; e lugar onde transmite a sabedoria tradicional de geração a geração. Portanto, a função central de *Uma Lulik* é centro de encontro entre homem e entidades divinas, também momento de encontro entre as famílias” (Carmo, 2010, p. 388).

Sobre casa sagrada dentro do contexto arquitetura, Guterres (2026) afirma:

“Do ponto de vista construtivo, as *uma lulik* eram geralmente elevadas sobre estacas de madeira, uma solução arquitetônica que atendia a múltiplas funções: proteção contra inundações e umidade do solo, defesa contra animais e pragas, além de favorecer a circulação do ar sob a edificação, contribuindo para o conforto térmico em um clima quente e úmido. Os telhados altos e inclinados, cobertos com palha ou folhas de palmeira, auxiliavam na rápida drenagem da água da chuva e na

dissipação do calor, enquanto as aberturas controladas permitiam ventilação natural sem comprometer a segurança e a privacidade”.

Por fim, sabemos que os Timorenses possuíam o seu modo de viver próprio em comparação com os povos de outras nações. Timor-Leste tem a sua própria cultura, a sua própria crença, a sua própria tradição, etc. O *Lulik* e *Uma Lulik* são duas coisas necessárias na vida do povo Timorense. Porque o *Lulik* refere-se aos entes sagrados, enquanto *Uma Lulik* é um espaço físico onde os Timorenses guardam os objetos sagrados, celebrando as suas crenças em relação com as divindades, com deuses e com os antepassados. No fim das contas, esse *lulik* é idêntico com Deus dos cristãos onde os missionários portugueses aqui trouxeram. Em suma, em Timor-Leste a fé animismo converte-se em catolicismo e politeísta converte-se em monoteísta, onde os timorenses maioritariamente cristãos católicos com o número de 96, 9% baseado no sensus do ano de 2010 (Carmo, 2010, p. 381).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão de *Lulik* é um assunto tratado desde antiguidade até hoje. Na Grécia antiga o

lulik consiste nos mitos, onde relata de maneira oral, narrando sobre a existência dos deuses.

Baseados nisto, os filósofos naturalistas de pré-socráticos questionando a origem de todas as coisas, denominado-os "arches". Assim, para eles todas as coisas existem por causa de um princípio, não dos deuses como afirmam os mitólogos nem da *creatio ex nihilo* como relata a Bíblia cristã. Neste contexto, os *arquivos* foram considerados sagrados (*lulik*), pois por aqueles princípios que todas as coisas se provém.

Na mesma linha mitológica, os filósofos pós-Socráticos apontam no universo, ou seja, no cosmos. Platão, portanto, divide o cosmos em duas partes que contém quatro realidades, apontando num deus criador que se chama *Demiurgo*. Assim, para Platão todas as coisas existem por causa de um criador. Posteriormente, o seu discípulo Aristóteles designou-o *Motor Imóvel*. Plotino em consonância com Platão relatou a questão de precessão de que todas as coisas procedem da *ideia* que provém de *Uno Bem*. Neste sentido, os filósofos apontam na transcendência, ou seja, na metafísica, tocando o ser que está no além da física. No tempo moderno, os filósofos tratam sobre a natureza como *deus sive natura* de Spinoza, contudo os marxistas acentuaram que os homens sobrevivem da natureza, não de deus nem de Deus como os mitólogos e os cristãos afirmam. Nietzsche foi uma figura conhecida que inventou o profeta Zaratustra onde familiarizou muito com a natureza a fim de anunciar aos homens sobre a morte de Deus.

Na crença animismo de Timor-Leste, os mitos quase são iguais como nos mitos da Grécia antiga. Antigamente os timorenses não confiavam num deus único (monoteísta), mas confiavam nos espíritos da natureza, dos animais e dos antepassados (politeístas). Porque a existência de três entidades fundamentais na cosmologia timorense: ser divino supremo (*Maromak*), os espíritos da natureza e os espíritos dos antepassados, muitas vezes constituído por um par deus-deusa, os espíritos da natureza e os espíritos dos antepassados. Neste sentido provém a *ideia* de *lulik*. Assim, os timorenses creram que tudo o que é *lulik* tem alma como a gente. Em relação com este *lulik*, os timorenses possuem o seu centro de *lulik*, denominado *uma-lulik*, é o centro dos objetos

sagrados, da unidade, do encontro e da transmissão dos valores morais e espirituais. Enfim, este *lulik* é idêntico a Deus, onde os Timorenses conhecem e chamam *Maromak*.

REFERÊNCIAS

1. AGOSTINHO, (1996). *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina, S. J.
2. ARISTÓTELES, (1969). *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro, Porto Alegre: Editora Globo.
3. BORROMEU, M., & Borromeu, N. (2025). *Human nature and culture in the light of philosophy*. *ISRG Journal of Arts, Humanities and Social Sciences*, 3(3). <https://doi.org/10.5281/zenodo.15508965>
4. BORROMEU, M., Soares, N. da C., & Rosario, N. A. do. (2025). *The beauty of ancestral culture from the Timorese perspective*. *ISRG Journal of Arts, Humanities and Social Sciences*, 3(3). <https://doi.org/10.5281/zenodo.15363755>
5. BULFINCH, T. (2002). *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. 26ª ed. Trad. David Jardim Júnior.
6. BRANDÃO, J. S. (1986). *Mitologia Grega*. Vol. II, Vozes: Petrópolis.
7. CARMO, A. Q. B. (2010). *Religião familiar tradicional e uma Lulik/casa sagrada de Timor – Leste*, In Editora Científica Digital, 2010, disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/201001659.pdf>, acesso no dia 5 de fevereiro de 2026
8. CORREIA, J. (2013). *Construção de Casas Sagradas (UMA LULIK) na sociedade Timorense: uma perspectiva sobre o desenvolvimento e o turismo comunitário no distrito de Baucau*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Portugal.
9. ESPINOSA, B. (1983). *Ética*. 3ª ed. Trad. J. de Carvalho, São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores.
10. FERNANDES, F. M. (2011). *Radiografia de Timor Lorosae*. Macau: St. Joseph Academic Press.
11. GUTERRES, M., & Borromeu, M. (2026). *Panorama filosófica da arquitetura: Sobre o paradigma dos estilos arquitetônicos desde as diferentes eras até à era da independência de Timor-Leste*. *ISRG Journal of Arts, Humanities and Social Sciences*, 4(1). <https://doi.org/10.5281/zenodo.18171072>
12. OTTO, R. (2007). *O Sagrado*. São Leopoldo, RS: Sinodal/EST; Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
13. PAULINO, V. K. A. (orgs.). (2016). *Tradições Oraís de Timor-Leste*. Universidade Nacional Timor Lorosa'e, Díli: Casa Apoema.
14. PLATÃO (2000), *A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes, 3ª Edição, Belém, EDUFRA.
15. _____. (2010). *Timeu-Crítias*. Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes, Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Edição: 1ª/2011, POCI.
16. PLOTINOS, (2021). *Enéada III*, Trad. Juvino A. Maia, Ideia: João Pessoa.
17. NIETZSCHE, F. W. (2017). *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza, Companhia das Letras.
18. NOLIBOS, P. T. (2016). *Pequeno Livro dos Deuses Olímpicos*, editora Bestiário.

19. **REALE, G.** – Antiseri, D. (2003). *História da Filosofia Pagã Antiga*, 2ª Edição, Vol. I, Trad. Ivo Storniolo, São Paulo, Paulus.
20. **ABBAGNANO, N.** (2007). *Dicionário de Filosofia*, Trad. Alfredo Bosi, 5ª Edição, São Paulo: Martins Fontes.
21. **MARTINS, D.** (2022). *A virtude em platão e a sua implicação no estado de direito democrático de Timor-Leste* (Monografia), ISFIT.
22. **TAYLOR, E. B.** (1871). *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. Vol. I, London.
23. **ELIADE, M.** (1992). *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes.
24. **SOARES, A. V. M.** (2013). *PULAU TIMOR: Sebuah Sumbangan Untuk Sejarahnya, Baucau,.*
25. **RESTIVO, M. M. C.** (2015). *A coleção de Timor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: uma introdução às artes tradicionais timorenses*. Dissertação de mestrado, Portugal: Universidade do Porto.
26. **SILVA, Renata Nogueira da.** *De cultura a Patrimônio: Uma lulik no Timor-leste pós- colonial e seus efeitos na reprodução social*. Pesquisa desenvolvida no âmbito da 1ª Chamada Pública de Pesquisas do Centro Lucio Costa/CLC-IPHAN, Centro de Categoria 2 sob os auspícios da UNESCO. Rio de Janeiro, 2017